



NOTAS CRÍTICAS

Resenha

Money and Totality – A macro-monetary interpretation of Marx's logic in Capital and the end of the 'transformation problem'

Fred Moseley

Chicago: Haymarket Books, 2016, p. 415.

Eleutério F. S. Prado*

Michael Roberts, bem-sucedido blogueiro marxista, autor de relevante estudo sobre a crise do capitalismo contemporâneo, o qual foi publicado em 2016 com o título *The Long Depression*, não usou meias palavras para se referir a esse momentoso livro de Fred Moseley. “*Money and Totality*” – escreveu Roberts em uma resenha publicada no blog *The next recession* – “é provavelmente o melhor livro deste ano, e mesmo do presente século até agora, na teoria econômica marxista”. Ora, um problema dessa avaliação superlativa é que esse escrito é ainda muito jovem e, por isso, não foi ainda suficientemente discutido.

Aqui, por isso, pretende-se não apenas apresentá-lo para os eventuais interessados – e ele é, sim, importante como obra teórica da tradição marxista –, mas também ajuizá-lo criticamente.

A provável razão para esse entusiasmado julgamento é que o livro vem à luz para pôr um ponto final na longa controvérsia sobre o chamado “problema da transformação” que, como se sabe, aborreceu o marxismo por mais de um século. A origem do problema, como também se sabe, vem de uma crítica famosa de Eugen Böhm-Bawerk à obra magna de Karl Marx, feita ainda no final do século XIX, segundo a qual ela conteria uma contradição brutal. A crítica reza assim:

Nos livros primeiro e segundo de *O Capital*, Marx supõe que os preços de equilíbrio são determinados pelos valores-trabalho contidos nas mercadorias. Mas, no livro terceiro, ele abandona essa suposição porque precisa considerar o nivelamento das taxas de lucro. Para tomar ciência dessa contradição, considere-se um esquema de reprodução com diversos setores. Os setores com diferentes composições orgânicas têm de acolher lucros proporcionais aos capitais totais (às somas dos capitais constantes e variáveis); porém, como os montantes de mais-valor surgem apenas dos capitais variáveis, resultam taxas de lucro diferentes entre si. Para resolver o problema, Marx é forçado a admitir que os preços são determinados não pelos valores, mas pelos preços de produção. Ao procurar obter os preços de produção a partir dos valores, ele cai, segundo Böhm-Bawerk,

* Professor da FEA/USP.

num erro crasso, já que avalia os capitais constantes e os capitais variáveis em valores, somando a eles montantes de lucro determinados pela taxa média de lucro. Ora, mediante esse procedimento, o esquema de reprodução fica inconsistente, pois as entradas são medidas em valores, enquanto que as saídas são medidas em preços de produção.

Diversas soluções foram propostas para resolver esse problema no curso de um debate secular entre marxistas, simpatizantes e mesmo críticos ferozes do marxismo. As alternativas que se delinearam ao longo do tempo – Fred Moseley propõe que elas recaem numa “interpretação padrão” – apelaram, de algum modo, para o uso de um certo tipo de modelo de equilíbrio geral. Para construí-lo, parte-se sempre de uma estrutura de produção determinada tecnicamente, isto é, de uma coleção fixa de atividades produtivas, cada uma das quais relaciona quantitativamente, em proporções adequadas, insumos e produtos. Os insumos (meios de produção e meios de subsistência dos trabalhadores) e os produtos que eles geram são assim medidos, em cada setor, em suas quantidades próprias. Supõe-se, então, que essa estrutura é a base de um esquema de reprodução. A coerência econômica do modelo assim construído pode então ser obtida avaliando os insumos e os produtos em valores-trabalho ou em preços de produção monetários. Para encontrá-la, descobrindo assim os valores e preços de equilíbrio, tem-se apenas de resolver os dois sistemas de equações lineares.

O problema que fica, então, é como relacionar os valores-trabalho aos preços de produção, já que se supõe que os primeiros determinam funcionalmente os segundos no modo de operar real do sistema econômico. Ora, todas as alternativas pesquisadas levaram a algum tipo de impasse que, em última análise, invalidava aquilo que se supunha ser a teoria marxiana dos preços. A mais óbvia delas é que o sistema expresso em valores-trabalho passa a afigurar como redundante, isto é, como uma construção que deve ser posta sem qualquer contemplação no lixo da história do pensamento econômico.

Ora, a pesquisa de vinte anos de Fred Moseley sobre o tema – e que ele expõe no livro aqui resenhado – fez com que chegasse a uma conclusão ainda mais radical: não apenas um desses dois sistemas matemáticos, mas ambos merecem igualmente esse destino inglório.

Este livro argumenta que a interpretação padrão e a crítica padrão vêm a ser uma *má interpretação fundamental* da teoria de Marx e do *método lógico* empregado por ele na construção de sua teoria. Ela se equivoca especialmente no tratamento da relação entre a economia como um todo e os setores particulares, assim como sobre de que maneira são determinados os insumos de capital constante e de capital variável. A má compreensão do método de Marx, a que ele próprio se refere em 1872, continua sendo verdadeira atualmente (Moseley, 2016, p. xii).

Dito de outro modo, para ele, os esquemas de *O Capital* não podem ser pensados com base em modelos lineares de equilíbrio geral porque esse procedimento contraria completamente o método empregado por Marx para compreender a lógica de reprodução do modo capitalista de produção. Segundo ele, ao invés de um método simultaneísta, Marx, precisamente com esse propósito, empregara um método sequencialista. É assim que o próprio Moseley resume a sua “interpretação”:

Este livro apresenta uma interpretação do método lógico de Marx que difere fundamentalmente da interpretação padrão nos seguintes importantes aspectos: (1) a teoria de Marx é construída em *dois níveis principais de abstração*: primeiro, no nível da *produção* de mais-valor e da determinação do total de mais-valor na economia como um todo; depois, no nível da distribuição do mais-valor e da divisão do total pré-determinado de mais-valor em suas partes individuais; (2) o visado pela teoria não consiste de “dois sistemas”, mas se trata sempre, ao invés, de um sistema único – a economia capitalista atual; esta é analisada, primeiro, no nível macro da economia como um todo e, depois, subsequentemente, no nível micro dos setores individuais; (3) o arcabouço lógico da teoria não advém de uma matriz de insumo-produto expressa em quantidades físicas, mas, ao invés, do *circuito do capital monetário*, expresso simbolicamente como $D - M \dots P \dots M' - D'$; ora, isto implica que o capital monetário inicial D é o ponto de partida da teoria de Marx e que ele é *tomado como um dado*, tanto na teoria macro da produção do mais-valor quanto na teoria micro da distribuição do mais-valor; (4) todas as variáveis principais da teoria são determinadas segundo a lógica de determinação sequencial, tal como descrita – e não por meio de determinação simultânea, tal como aparece na interpretação de Sraffa (*ibidem*, pp. xii-xiii).

Aquilo que aqui se descreve resumidamente está desenvolvido no livro de forma bem detalhada. E ele contém três partes, na primeira das quais Moseley expõe a sua “interpretação macro-monetária do método lógico de Marx”. Esta parte compõe-se de cinco capítulos. No primeiro deles, apresenta, em termos discursivos, a sua compreensão da estrutura lógica dos três livros de *O Capital* e, no segundo, ele a reinterpreta por meio de um sumário algébrico, visando mostrar, sobretudo, que a passagem dos valores aos preços de produção é um falso problema. No terceiro e no quarto, ele busca evidências textuais na obra do próprio Marx como um todo, as quais supostamente dão suporte à sua nova interpretação. Finalmente, no capítulo cinco, o leitor encontra o modo específico por meio do qual enfrenta – e destrói enquanto tal – a questão intrusa que distorceu

por um século a compreensão marxiana do capitalismo. Na segunda parte, ele discute, em sete capítulos, as “outras interpretações do problema da transformação”. Na última parte, ele simplesmente apresenta as suas conclusões.

Uma das qualidades desse escrito é que ele provém de um estudo atento e sério do conjunto dos textos que compõem a crítica da economia política, por fim realizada (inacabadamente) em *O Capital*. Ao pretender fazer a defesa de Marx de uma crítica pretensamente fatal, Moseley não abandona o propósito de manter certo rigor conceitual e lógico. O principal ponto a ser ressaltado antes de fazer um comentário crítico é que a abordagem sequencialista apresentada no livro mostra-se, sim, superior à abordagem simultaneista do método empregado por Marx para pensar a reprodução do capital, primeiro, em geral e, depois, sob o regime de concorrência.

Note-se, porém, que já no início da controvérsia, desde o começo do século XX, deveria ter ficado evidente para os marxistas em geral que a abordagem de equilíbrio geral é totalmente incompatível com o método marxiano. Eis que ela – mesmo se tem diversas versões – está fundada numa ideia primeira que rememora a metafísica racionalista, a qual fora superada por Hegel, pois funda a formação dos preços de mercados num conjunto de preços estaticamente determinados, por meio de uma operação lógico-formal que suprime, na teoria, a sua anarquia constitutiva realmente existente. Ademais, obriga a dinâmica dos preços de mercado, concebida apenas no plano virtual, a realizar forçosamente tais preços de equilíbrio, os quais foram racionalmente postulados. Para Marx, ao contrário, a formação real dos preços é sempre complexa, irregular e turbulenta e ela, assim apreendida, deve ser tomada como condição empírica da compreensão teórica. A anarquia dos preços, para ele, não pode ser suprimida, mas deve ser mantida como um pressuposto.

Note-se que não é assim que Moseley rejeita as teorizações que se esmeram na tarefa de resolver um suposto problema da transformação de valores em preços de produção que existiria na teoria de Marx. Ele as critica por tomarem as quantidades físicas de insumos e produtos como dados deste problema. Ora, isso indica que ele não se libertou totalmente do modo de pensar dos economistas que trabalham com modelos de equilíbrio. Pois, como bem se sabe, os valores monetários em geral que exprimem somas de mercadorias sempre podem ser apreendidos como quantidades de valores de uso multiplicadas pelos seus preços unitários. Como já foi visto, para encarar a questão de outro ponto de vista, ele acha que deve ser tomado como dado, não tais quantidades, mas o montante investido de capital que figura no primeiro momento do circuito do capital monetário. A questão que fica é saber se faz sentido tomar qualquer grandeza como dada na perspectiva da dialética marxiana.

Crê-se aqui que a interpretação proposta por Fred Moseley – e assim denominada por ele – é de fato uma reconstrução que não escapa dos cânones da

análise raciocinativa, isto é, do entendimento – mesmo se tem, sim, interesse teórico. Vê-se isto imediatamente porque ele acha que Marx formula (define) um conceito de capital, o qual considera central em sua explicação do capitalismo, quando ele, na verdade, em *O capital*, faz uma apresentação dialética (*Darstellung*) do capital como conceito. O título da obra, adverte Moseley logo no início de seu livro, “indica claramente a centralidade do conceito de capital em sua teoria do capitalismo”. Não, não, o seu título indica, isto sim, que a obra trata centralmente da relação social de capital, de suas contradições, de suas formas reificadas, de seu devir, porque essa relação social constitui o modo de produção capitalista.

Por isso mesmo, *O capital* não deveria ser pensado como resultado de uma mera construção sequencial, ou seja, como se apenas contivesse uma sequência de “dois níveis principais de abstração”. E não se deveria pensá-lo desse modo mesmo se tem, sim, uma ordem de apresentação. Diferentemente, essa obra começa de um abstrato real para chegar, após uma longa exposição conceitual, ao concreto pensado. Inicia, como se sabe, pela mercadoria, uma forma social elementar, para obter a partir daí, por meio de consecutivas derivações hegelianas, todo um conjunto de formas sociais e de leis tendenciais, as quais permitem alcançar, após um laborioso trajeto, uma compreensão do capitalismo como um todo, como uma totalidade.

Não é possível analisar aqui a construção teórica de Moseley, isto é, a sua “interpretação macro-monetária da lógica de Marx em *O Capital*”, em todos os seus aspectos. Um de seus pontos centrais, entretanto, não pode deixar de ser aqui ressaltado e examinado. Para desenvolvê-la, tendo em mente o circuito do capital monetário, ele toma as quantidades de capital monetário avançadas para comprar meios de produção e meios de subsistência, ou seja, o capital constante e o capital variável inicialmente investidos, não só como dadas, mas também como momentos fixados de um processo que se encontra supostamente em equilíbrio de longo prazo.

Ora, aqui também se vê que esse autor não se libertou inteiramente do modo de pensar dos economistas, pois o equilíbrio em Marx não é tomado como um fundamento primeiro, mas como um resultado possível de uma dinâmica turbulenta, o qual, na verdade, como bem se sabe, tem probabilidade nula de ocorrência. Não pode ser tomado, portanto, mesmo no plano teórico, como condição que prevalece no “longo prazo”. Eis que ele se mostra, porém, empiricamente, como um fenômeno emergente. As séries temporais de preços mostram, efetivamente, que eles oscilam em torno de um “centro de gravidade” e que o realizam, “em média”, num período de tempo suficientemente grande. Contudo, Marx assume o equilíbrio no desenvolvimento da teoria não para construir um modelo, mas como condição necessária para analisar o processo de reprodução do capital em sua “forma pura”. E, se o faz, é porque o considera também um

pressuposto real do evolver anárquico do sistema da relação de capital. Eis o que ele próprio diz no capítulo X do livro terceiro:

Essa taxa geral do mais-valor – tendencial, como todas as leis econômicas – é a premissa de que partimos para fins de simplificação teórica; na realidade, é uma premissa efetiva do modo de produção capitalista, ainda que mais ou menos travada por divergências práticas [...]. Teoricamente, no entanto, parte-se do pressuposto de que as leis do modo de produção capitalista se desenvolvam em sua pureza, mas na realidade as coisas se dão sempre de modo aproximado (Marx, 2017, p. 209).

A obra de Fred Moseley é uma realização teórica que merece respeito. E ela pode – julga-se aqui provisoriamente – ser repensada numa perspectiva que acata mais fortemente a dialética marxiana. Pois, grosso modo, apesar de alguns desacertos, tem afinidade como o modo marxiano de pensar a reprodução do capital. Entretanto, talvez não seja ainda o ponto final da controvérsia que vem se desenvolvendo há mais de um século em torno do famigerado “problema da transformação”. Mas, mesmo se não liquidou ainda, completamente, o “desaforo de Böhm-Bawerk”, nenhuma outra que venha ainda retomá-lo poderá ignorá-la.

Outras referências

MARX, Karl. *O capital: Crítica da Economia Política*. Livro Terceiro. São Paulo: Boitempo, 2017.

Recebido em 10 de maio de 2017
Aprovado em 13 de junho de 2017